



**Directores:** Luis Vega y Hubert Marraud **Secretaria:** Paula Olmos  
ISSN 2172-8801 / doi 10.15366/ria / <https://revistas.uam.es/ria>

## Reseña de:

Amossy, Ruth. *A argumentação no discurso*.

Amossy, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018. 288p. ISBN 978-85-520-0051-8.

Por: Luiz Augusto Ely

Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Brasil  
[luizaugustoely@gmail.com](mailto:luizaugustoely@gmail.com)

Lançado no Brasil no primeiro semestre de 2018 pela editora Contexto, tendo como coordenadores da equipe de tradução os professores Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira, o livro *A argumentação no discurso*, de autoria de Ruth Amossy, foi publicado inicialmente na França no ano de 2010 como *L'argumentation dans le discours* pela editora Arman Colin.

No entanto, a obra teve uma edição preliminar lançada no ano 2000, pela editora Nathan, sob o título *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature d'idées, fiction*. Em 2006, o texto foi reeditado pela editora Arman Colin, vindo a público de forma revista e modificada, com o título atual - *L'argumentation dans le discours*. Hoje, o original em língua francesa encontra-se em sua terceira edição, tendo sido lançada em 2016, e sendo essa, então, a versão de base para a tradução em língua portuguesa e que, portanto, será aqui apresentada.

Ruth Amossy é professora emérita da Universidade de Tel Aviv - Israel, onde atua como diretora do grupo de pesquisa ADARR - Análise do Discurso, Argumentação e Retórica, e desempenha também o papel de editora da revista *on-line Argumentation et Analyse du Discours*. No Brasil, *A argumentação no discurso* soma-se a outros dois títulos também publicados pela editora Contexto: *Imagens de si no discurso*, em que Amossy é a organizadora de uma coletânea de artigos; e *Apologia da polêmica*, de sua própria autoria; além da publicação de artigos científicos em periódicos especializados.

Com o lançamento deste livro no Brasil, a autora bem como seus estudos e seus trabalhos se aproximam, assim, de um maior número de pesquisadores e estudantes brasileiros, ainda que ela já seja conhecida de um público relativamente mais restrito, especialmente pelas cooperações acadêmico-científicas estabelecidas com grupos de pesquisa de instituições brasileiras, tais como o NAD - Núcleo de Análise do Discurso da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (sob a coordenação do Prof. Dr. Wander Emediato de Souza); o GERAR - Grupo de Estudos de Retórica e Argumentação da Universidade de São Paulo - USP (sob a coordenação da Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca); o Grupo PROTEXTO da Universidade Federal do Ceará - UFC (sob a coordenação da Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante); e, ainda, o PROEDA - Programa de Divulgação dos Estudos sobre Discurso e Argumentação da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (sob a coordenação do Prof. Dr. Eduardo Lopes Piris).

Esta obra - *A argumentação no discurso* - apresenta um amplo panorama acerca da Retórica como domínio do saber, relacionada às teorias da argumentação, sobretudo

em uma perspectiva discursiva. Desse modo, é possível apreender que a concepção e a definição de argumentação subjacentes a todo o texto estão ligadas por elos essenciais, mas não exclusivos, à retórica de Aristóteles e também ao que se convencionou denominar de nova retórica, vinculada aos trabalhos de Chaïm Perelman; a autora faz referência ainda a Christian Plantin, Jean-Blaise Grize, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Quanto aos domínios dos trabalhos que remetem à Análise do Discurso, essa abordagem se dá especialmente a partir da perspectiva de Dominique Maingueneau.

Tendo isso em vista, o livro está organizado em quatro grandes partes: Primeira Parte, intitulada de *O dispositivo de enunciação* (subdividida ainda em *A adaptação ao auditório* e *O ethos discursivo ou a encenação do orador*); Segunda Parte, denominada de *Os fundamentos da argumentação* (subdividida em *O fundamento da argumentação: as evidências compartilhadas* e *Os esquemas argumentativos no discurso*); Terceira Parte, cujo título é *As vias do logos e do pathos* (segmentada em três subpartes: *Elementos de pragmática para a análise argumentativa*; *O pathos ou o papel das emoções na argumentação*; e *Entre logos e pathos: as figuras*). A Quarta Parte, intitulada de *Os gêneros do discurso*, está subdividida em *Quadros formais e institucionais*. Há ainda tópicos a propósito das Fontes discutidas e exemplificadas na obra; Bibliografia; um breve item que versa sobre A autora; além de Prefácio, Introdução e Conclusão.

Já no Prefácio do livro Amossy aponta que

O uso da palavra está, necessariamente, ligado à questão da eficácia. Visando a uma multidão indistinta, a um grupo definido ou a um auditório privilegiado, o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma *visada* argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma *dimensão* argumentativa. (Amossy, 2018: 7, *itálico no original*)

É nesse sentido, então, de que a argumentação integra o discurso, que Amossy estabelece um percurso, relacionando os estudos retóricos aos domínios do universo discursivo, em que faz uso de discursos concretos, em grande parte retirados de atividades políticas e públicas, buscando demonstrar a aplicação de suas teorias. Partindo de Aristóteles, passando por Perelman e Tyteca, dentre outros autores, a autora afirma que, «Voltada para os ornamentos do discurso, a retórica chegou a se esquecer de sua vocação primeira: imprimir ao verbo a capacidade de provocar a convicção» (Amossy, 2018: 7). Assim, é possível apreender que a publicação busca nos

apresentar o registro de diferentes vertentes e fundamentações teóricas relacionadas à questão do discurso, desde a Retórica aos pensadores contemporâneos, como Angenot, Maingueneau e Plantin, por exemplo, de modo que permite brindar o leitor com um apanhado crítico e histórico do desenvolvimento da Análise do Discurso.

Segundo Amossy, o discurso argumentativo propõe elementos com os quais se podem vislumbrar reflexões e questionamentos que, no entanto, não são aspectos fechados em si mesmos; a autora nos confronta com categorias envolvidas por um certo viés epistemológico, que nos conduzem a julgar os discursos sob análise em dados termos éticos, em que é possível perceber que a argumentação permite estabelecer análises sem ter que tomar partido, ou um certo juízo de valor.

Há argumentação, então, quando uma posição, um ponto de vista, uma maneira de perceber o mundo se expressa com base em posições e visões antagônicas, ou simplesmente divergentes, na tentativa de que indivíduos buscam se prevalecer ou ser admitidos perante a um público. O argumento, portanto, consiste em apreender os meios verbais que um dado lugar de expressão implementa, tentando nos fazer aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e opiniões ou basicamente orientar a reflexão acerca de um dado problema da/na língua(gem).

É por isso que a teoria da argumentação no discurso - explorando não somente a visada, mas também a dimensão argumentativa da fala - deseja cobrir um vasto inventário de discursos que ora conquistam a opinião, ora simplesmente orientam o olhar. (Amossy, 2018: 11)

Desse modo, Amossy afirma que, «Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia aos outros componentes na espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso» (Amossy, 2018: 12).

Então, ao avançar em seu caminhar, a autora argumenta que a retórica clássica estava apoiada na agência, em que um locutor deve ter como propósito manejar bem a língua(gem), buscando intervir no real e exercer sua influência sobre o outro, ou seja, a partir de premissas que fundamentam a teoria da argumentação no discurso, é possível conceder ao discurso o poder de construir o real. Diante disso, pode-se ter em vista que a identidade e/ou as relações humanas se dão na utilização da língua(gem) e na troca verbal entre os sujeitos, e ainda, que toda palavra seja uma resposta à palavra do outro, lembrando que um determinado enunciado não seja gerado e nem possua sentido senão a partir de uma circulação generalizada de discursos, de tal sorte que isso nos remete às noções de interdiscurso, nos domínios da Análise do Discurso (AD), e de discurso social, conforme a abordagem proposta por Angenot. Desse modo, é preciso

considerar que

Não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que se poderia chamar «argumentatividade» ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado), que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir. (Amossy, 2018: 12)

Tendo isso em vista, Amossy busca compreender de que modo os sujeitos procuram se influenciar mutuamente e constroem através da sua fala uma visão do real. Para tanto, lançará mão dos estudos de Chaïm Perelman e de suas reflexões desenvolvidas diante da nova retórica o que, em certa medida, não possibilitou depreender determinados funcionamentos discursivos em contexto.

Segundo a autora, «A nova retórica, como muitas teorias contemporâneas da argumentação, se inscreve no campo da filosofia, pretendendo apresentar uma alternativa à lógica formal» (Amossy, 2018: 24). Em outras palavras,

Assim, podemos reformular e ampliar a definição fornecida pela nova retórica de Chaïm Perelman. Daqui em diante, toma-se como objeto a «argumentação» com a seguinte definição: os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema. (Amossy, 2018: 47)

Alcançamos, então, os elementos em que, observando o dispositivo da enunciação, Amossy trata da adaptação do auditório como manifestação de técnica argumentativa. Aqui temos também a configuração discursiva da noção de *ethos*, ou a encenação do orador, introduzida na AD por Maingueneau. Segundo a autora,

O ser transparece no discurso, permitindo, assim, operar uma ligação harmoniosa entre a pessoa do locutor, as suas qualidades, o seu modo de vida e a imagem que sua fala projeta de si. [...] O *ethos* se confunde, então, com os modos e com a questão da moralidade do locutor como ser no mundo. (Amossy, 2018: 83, *itálico no original*).

Desse modo, para Amossy, uma análise que privilegie as imagens de si no discurso permite apreender como se estabelece um *ethos* que deva colaborar para a configuração do caráter argumentativo da argumentação, acompanhada, além disso, do conhecimento da situação de enunciação, bem como da representação prévia do orador. Diante desses aspectos,

A reflexão contemporânea tem problematizado, a partir de eixos diversos, a noção de identidade tal como a reflexão ocidental a havia colocado.

Como posso assumir um discurso que não foi concebido nem criado para mim? Como posso assumir, por minha conta, um *ethos*, uma «personagem» que não corresponde ao meu «eu», que deforma e nega sob a capa da universalidade o que eu sou - mulher, árabe, negro, colonizado, etc.? (Amossy, 2018: 102, *italico no original*)

Para Amossy, os questionamentos acerca da noção do *ethos* estão relacionados à construção de uma identidade que permite, concomitantemente, a elaboração de uma nova relação para si e para o outro, de tal sorte que «O saber compartilhado e as representações sociais constituem, então, o fundamento de toda argumentação» (Amossy, 2018: 107).

Assim, a autora se encaminha para a reflexão e discussão de elementos como *topoi*, *doxa* e outros aspectos da Retórica, remetendo aos esquemas argumentativos do discurso. Ao retomar a noção de *doxa*, como sendo o conjunto de crenças, opiniões e de representações que partilham os membros de um grupo em um dado momento do tempo e do espaço, Amossy aponta que, desse modo, os indivíduos podem trocar, discutir, negociar suas posições. Ou seja, a *doxa* não é o espaço alienante das ideias recebidas que impede de pensar, mas o lugar-comum no qual nos encontramos para negociar nossas posições, nossas visões. É neste campo, portanto, que se estabelece o lugar ideal da argumentação, em que é possível agir sobre o real, sobre o outro.

Diante desses aspectos pode-se ter em vista que

A noção de estereótipo é utilizada, sobretudo, nas ciências sociais para determinar as imagens do outro e de si que circulam em certa comunidade. Ela vem, nesse sentido, precisar o lugar-comum do qual constitui um aspecto particular na medida em que designa uma representação social, que é o prisma por meio do qual os interactantes percebem os membros de um grupo estrangeiro, ou a sua própria identidade. (Amossy, 2018: 131)

Avançando, Amossy culmina na discussão das vias do *logos* e do *pathos* por meio de elementos de pragmática para uma análise argumentativa, em que aborda o *pathos* ou o papel das emoções no discurso, em que se busca não a verdade, mas o razoável e o plausível. Dentro desse quadro, portanto, o sujeito pode fazer uso da língua(gem) como *logos*, mas também como *pathos*, e projetar uma imagem de si apropriada (*ethos*) para intervir em um dado espaço social e político. Então, «Se o *logos* diz respeito às estratégias discursivas e o *ethos* diz respeito à imagem do locutor, o *pathos* incide diretamente sobre o auditório» (Amossy, 2018: 195, *italico no original*).

Nesta obra, ainda, Amossy dedicou-se a tecer reflexões a propósito dos gêneros do discurso, reiterando que a argumentação depende inclusive do quadro discursivo no qual ela se desenvolve, mencionando que a argumentação não é um tipo de discurso

dentre outros; ela se configura como integrante do discurso, de modo que permite estudar os aspectos argumentativos em língua natural da qual toma formas de que a lógica, por si só, não dá conta. Assim, se reconhece que a força do verbo é, em alguma medida, limitada, de tal sorte que a língua(gem) é concebida ao mesmo tempo como determinada pelo discurso social da sua época e de suas evidências, bem como um instrumento de ação e de poder.

Eis, portanto, a relevância deste texto de Ruth Amossy, já conhecido do público de língua francesa, e que, de agora em diante, estará disponível também em língua portuguesa, no Brasil, uma vez que é possível apreender que as questões e, sobretudo, que as respostas propostas por Amossy são claras e, em certa medida, bastante rigorosas, de modo que nos conduzem ao fato de que a argumentação se configura como campo de referência, que nos desperta reflexão e permite colocar em prática elementos pertinentes para o desenvolvimento de estudos a partir de um contexto gratificante ao se valer de ferramentas de trabalho extremamente valiosas.

Então, é possível afirmar que essa relação entre Argumentação e Análise do Discurso se consolidou, de um modo geral e, mais especificamente no Brasil, com a publicação deste livro, e, vale ressaltar aqui, portanto, que esse diálogo entre tais teorias é bastante proveitoso, sobretudo ao considerarmos noções como o *ethos* e o *pathos*, e a análise das emoções no discurso. Por fim, em *A argumentação no discurso*, Ruth Amossy contribui fortemente não apenas com suas próprias reflexões, mas apresenta ao público elementos para que possam embasar novos estudos e análises acerca dos estudos linguísticos, especialmente no que diz respeito aos estudos do discurso e das teorias da argumentação, com vistas a compreender a força do discurso na contemporaneidade.